

## INTRODUÇÃO

Os Estudos de Memória representam um desenvolvimento relativamente recente das Ciências da Cultura. Foi nos anos oitenta do século XX que surgiram as primeiras publicações contemporâneas dedicadas à construção conceptual e à análise de fenómenos e processos culturais associados à dimensão, já não apenas biológica, mas comunicativa e cultural da memória. Aleida Assmann, num texto<sup>1</sup> em que procura identificar as relações de proximidade e simultânea diferença entre os Estudos Culturais (*Cultural Studies*), originalmente praticados no Reino Unido e nos USA, e as Ciências da Cultura (*Kulturwissenschaften*), definidas e praticadas no contexto alemão, reporta-se a este momento em que surgiram os primeiros impulsos que resultaram na criação de um novo paradigma de abordagem dos fenómenos culturais. Afirma a autora que os estudos de cultura contemporâneos obedeceram, no seu desenvolvimento, a agendas próprias do lugar e da comunidade científica em que se inserem, o que explicará, na sua perspectiva, a manifesta militância e vontade de intervenção política e social dos Estudos Culturais e a relativa contenção das Ciências da Cultura germânicas. É, na sua opinião, a redescoberta tardia da obra de figuras rejeitadas pelo nacional-socialismo, como Aby Warburg e Walter Benjamin, que oferece o estímulo para pensar de novo a dimensão decisiva da memória na cultura, recordando, ao mesmo tempo, a figura tutelar de Iuri Lotman, que afirmava que a cultura é “a memória não-genética e não-hereditária de um grupo”. Mas, evidentemente, o pesadelo do Holocausto, da Segunda Guerra Mundial e da violência nazi em geral terá também exigido, após mais de uma década de vergonhoso e envergonhado silêncio, o tempo da “incapacidade de fazer o luto” de que fala o casal Mitscherlich, a necessidade de recuperar a memória como instrumento de análise cultural carregado de incontornável preocupação ética. A este facto acresce o lento desaparecimento das testemunhas e vítimas do Holocausto, que tornou a tarefa de registar a sua recordação

---

1. Assmann, Aleida. 1999. Cultural Studies and Historical Memories. In *The Contemporary Study of Culture*. Herausgegeben von Bundesministerium für Wissenschaft und Verkehr und Internationales Forschungszentrum für Kulturwissenschaften. Viena: TURIA+KANT.

numa urgência e trouxe consigo o interesse crescente e generalizado pelo papel da memória na cultura. O projecto de Jan e Aleida Assmann está, na perspectiva desta última, na génese do desenvolvimento das Ciências da Cultura no contexto alemão. Na verdade, ele ofereceu também o impulso inicial que viria a permitir a produção de um extenso trabalho teórico e de análise concreta sobre o modo como a memória, enquanto suporte de todos os fenómenos culturais, se articula em contextos distintos.

Esta antologia procura apresentar precisamente alguns dos textos centrais dos Estudos de Memória nas diversas vertentes em que eles foram evoluindo desde o seu início. O capítulo inicial reúne, no ponto 1, os primeiros contributos teóricos para o desenvolvimento da área no século XX; nele se incluem excertos das obras de Maurice Halbwachs e Pierre Nora, geralmente reconhecidos como precursores, uma vez que se debruçaram sobre a questão da memória na sua dimensão colectiva e cultural. Halbwachs e Nora definiram conceitos que viriam a constituir as referências que foram o ponto de partida para reflexões críticas e novos mapas conceptuais: as noções de “memória colectiva” e “lugares de memória”.

Efectivamente, é Halbwachs que cria o conceito de memória colectiva e identifica o carácter eminentemente social da memória. No excerto incluído nesta antologia, o autor, suportando a sua argumentação com numerosos exemplos, atribui ao enquadramento social da experiência a função central de dar forma à recordação, que depende da articulação da memória individual com a memória do grupo.

O problema da relação entre a memória e a História, que Halbwachs também afluou, atribuindo a esta o papel de reunir, organizar e registar as recordações que o tempo se encarrega de apagar, torna-se central na obra de Pierre Nora. O texto cuja versão traduzida se encontra nesta antologia encontra-se no primeiro tomo da obra *Les Lieux de Mémoire* e apresenta carácter programático, assentando numa visão crítica das sociedades suas contemporâneas que, a seu ver, perderam o acesso à capacidade da recordação, do uso da memória viva; uma vez perdida a memória “verdadeira, social e intocada”, apenas caberá à História o papel de seleccionar e fixar o que foi esquecido, activando artificialmente a recordação através da criação de “lugares de memória”.

Com os textos de Aleida e Jan Assmann, o primeiro capítulo apresenta alguns dos escritos que contribuíram de modo decisivo para a construção do aparato teórico que fundamenta o campo desde o final do século XX, em que a noção de memória cultural desempenha um papel decisivo. Em “Cânone e Arquivo”, Aleida Assmann distingue, reportando-se a estes conceitos, entre a “memória activamente difundida, que mantém o passado presente”, e a “memória passivamente acumulada, que preserva o

passado passado.” Trata-se, portanto, das dimensões activa e passiva da memória cultural, cuja manutenção requer o trabalho do arquivista, no último caso, e do académico e do artista, no primeiro. Jan Assmann, em “O que é a memória cultural?”, reconhece a existência das dimensões biológica e social da memória, tal como Halbwachs as entendeu, mas acrescenta-lhe a dimensão simbólica e cultural. Segundo Jan Assmann, a memória colectiva, predominantemente articulada com a função de realizar a integração e a pertença dos indivíduos à comunidade (memória vinculadora), apresenta-se enquanto memória comunicativa, dependente da transmissão entre as gerações e, por isso, limitada cronologicamente, e como memória cultural, cujo alcance abrange o passado milenar. Estes conceitos são retomados no texto seguinte, “Memória comunicativa e memória cultural”, que oferece uma descrição mais esquemática e clarificadora.

Aleida Assmann rejeita, em “Espaços de Recordação. Formas e Mutações da Memória Cultural”, a oposição entre memória e história herdada de Nietzsche, Halbwachs e Pierre Nora, constatando que na contemporaneidade se entende que a relação entre ambas é antes de natureza complementar. Aleida Assmann passa a designar a memória “habitada” de memória funcional; a História, por sua vez, fará uso de uma memória que perdeu a relação com o presente, a memória de arquivo, situada, por assim dizer, na posição de retaguarda ou pano de fundo. A memória funcional aqui descrita, situando-se no plano colectivo, identifica-se como memória cultural; cabe-lhe a atribuição de um sentido aos materiais que selecciona e elabora. Na mesma obra, a autora desenvolve uma teoria e uma classificação dos lugares enquanto suportes da memória, de que a presente antologia apresenta os passos referentes aos lugares traumáticos. Trata-se de lugares cuja história é inenarrável, já que se encontra bloqueada por uma pressão individual ou social. Na contemporaneidade, Auschwitz representa o lugar traumático por excelência e, por isso mesmo, mantém-se indefinível, sendo percebido de formas diferentes de acordo com a perspectiva do observador. Noutros lugares, como o recinto outrora ocupado pela Gestapo em Berlim, a recordação apresenta-se como uma força que se opõe ao desejo de esquecimento ou recalçamento sentido por muitos. No entanto, afirma Aleida Assmann, os lugares traumáticos resistem às atribuições de sentido simbólico por parte dos sobreviventes, uma vez que estas são suplantadas pela memória de longa duração. Recusando a inferência presente na obra de Pierre Nora de que é a modernidade que contribui para a transformação dos meios de memória (“milieux de mémoire”) em lugares de memória (“lieux de mémoire”), Aleida Assmann afirma que a omnipresença de lugares de memória na Europa é uma consequência da acção de extermínio do

nacional-socialismo; na verdade, são lugares traumáticos, tanto como lugares de recordação e de incidência geracional. Em posição exterior ao arquivo está, no contexto dos objectos, o lixo. Entendido, já por Walter Benjamin, como o desperdício resultante da vida nas grandes cidades, o lixo oferece-se aos artistas como material que pode ser resgatado e oferecido à memória cultural.

O artigo de Ann Rigney, que toma por objecto de análise o texto literário, surge incluído na primeira secção desta antologia, por apresentar uma mudança no entendimento da noção de memória, uma “viragem dinâmica” que permite encará-la como um processo, nunca concluído e aberto à atribuição de sentidos em permanente renovação. Este estudo sinaliza de modo explícito, portanto, o abandono de um certo estatismo associado aos “lugares” identificados por Nora como suportes de memória.

O segundo ponto do primeiro capítulo da antologia é dedicado a uma forma específica de memória: o trauma. Cathy Caruth e E. Ann Kaplan debruçam-se sobre o trauma, a sua definição e reconhecimento oficiais, o seu impacto social e os seus dispositivos discursivos, que moldam e constituem uma memória plural, onde o individual e o colectivo se entrecruzam de modo complexo. Cathy Caruth introduz um volume de contributos sobre o trauma e o seu impacto, delimitando com rigor o campo de estudo e de intervenção sobre o mesmo, e apontando de forma pertinente para a importância da “posse” e do “transporte” de uma história “impossível”, na medida em que esta reporta um acontecimento que não se consegue abarcar por completo, nos dispositivos que para ele remetem ou no discurso que o tenta fixar. E. Ann Kaplan, num trabalho que também introduz um volume sobre a cultura do trauma, percorre lugares-chave para a definição e o entendimento do que é o trauma, e em que medida podemos pensar o trauma como um dispositivo vital na constituição da memória colectiva moderna e, conseqüentemente, da modernidade cultural que nos define. Para tal, Kaplan propõe-se fazer um aturado panorama sobre o contributo matricial de Sigmund Freud sobre o trauma, cruzando sempre a sua obra e os resultados dos seus trabalhos de pesquisa com Josef Breuer com a sua recepção pelos seus contemporâneos e ao longo do século XX. Num segundo momento, Kaplan explora a evolução dos estudos sobre o trauma desde os anos oitenta, fazendo referência ao gradual interesse das humanidades por esta temática, suas aporias e discursos a partir de diversas perspectivas e campos científicos, não deixando, no entanto, de apontar para alguns mal-entendidos e equívocos, em parte produtivos, deste mesmo interesse.

O segundo capítulo agrupa textos que se debruçam sobre o tema das relações entre memória e literatura. O primeiro texto, de Ansgar Nünning, defende a importância da literatura como instrumento privilegiado

para se compreender a complexidade do funcionamento da memória, pela exploração que faz da relação entre recordar e esquecer. Nünning propõe o conceito de “ficções da memória” para responder aos limites e à fragilidade da memória autobiográfica, ao mesmo tempo que, na esteira de Maurice Halbwachs e Aby Warburg, sublinha a importância dos enquadramentos sociais na constituição da memória. No final do ensaio, Nünning aponta ainda algumas áreas e questões pertinentes para a prossecução da investigação em estudos da memória cultural. Em “Conceitos e Métodos para o Estudo da Literatura enquanto Memória Cultural”, Astrid Erll e Ansgar Nünning oferecem uma breve história dos conceitos básicos da memória nos Estudos Literários, salientando como denominador comum o entendimento cognitivista e construtivista dos actos de memória individual e colectiva, bem como a orientação interdisciplinar dos estudos mais recentes. Os autores fazem uma introdução aos pressupostos, métodos e perspectivas de investigação nos estudos de memória, destacando como conceitos básicos a memória *da* literatura, a memória *na* literatura e a literatura enquanto instrumento/meio da memória colectiva. Em “A Representação Literária da Memória”, Birgit Neumann apresenta uma visão geral do modo como a memória é representada na literatura, fazendo uso de uma abordagem narratológica para descrever as formas e funções da *mimesis* da memória que, na perspectiva da autora, refere o conjunto de formas narrativas e estratégias estéticas através das quais os textos literários encenam e reflectem os modos de funcionamento da memória.

O terceiro capítulo oferece reflexões sobre dimensões materiais da memória, sejam elas a relação entre o arquivo e a memória incorporada do repertório ou a fotografia como veículo privilegiado de exercícios de recordação, em muitos casos de traumas herdados. Diana Taylor propõe uma diferenciação entre “arquivo” e “repertório”, sublinhando a historicidade e medialidade de ambos, porque permeáveis ao tempo e espaço; é nestas dimensões que eles são transmitidos ou concretizados através de práticas incorporadas. Ao mesmo tempo realça-se o maior dinamismo do repertório, já que pressupõe acção e agencialidade. Embora sublinhando o papel activo das mulheres na documentação das atrocidades do nacional-socialismo, Barbie Zelizer, no seu estudo “O Género e Atrocidade: A Mulher em Fotografias do Holocausto”, denuncia, não obstante, a incapacidade da narrativa de atrocidades para integrar o tema da experiência de género no contexto mais amplo da representação visual de atrocidade. Em vez disso, o género feminino é tratado segundo duas estratégias distintas: ele é subsumido na categoria do universal e são, assim, neutralizadas as diferenças na experiência do horror ou, pelo contrário, ele é sobre-representado através de concepções de género estereotipadas. Estas estratégias

de representação, que não consideram a especificidade e a complexidade do género feminino, reduzem-no à invisibilidade, conclui Zelizer.

Marianne Hirsch fixa o conceito de “pós-memória” para explicar como a chamada segunda geração, que veio depois dos que viveram e testemunharam o Holocausto, herda e se deixa moldar por essa mesma memória, através de um “investimento imaginativo, pela projecção e criação”. Neste patamar da experiência diferida, e a partir da análise comparada de dois exemplos paradigmáticos de um processo de pós-memória sobre o *medium* da fotografia — *Maus*, de Art Spiegelman (1972/1987), e *Austerlitz*, de W. G. Sebald (2001) —, Hirsch explora o complexo processo de invenção e gestação de uma pós-memória “familiar” e “afiliativa”. Interessante é também a aproximação de um certo *corpus* do passado, que Mieke Bal nos descreve a propósito da exposição de Ken Apteckar, *Talking to Pictures* (Outono de 1997). O aturado exercício de leitura de Bal sobre a leitura de Apteckar deste mesmo *corpus* pondera a apropriação artística de um determinado passado guardado em museu, para o arrancar do lugar arquivístico que lhe está reservado, reescrevendo-o, interpelando-o e inscrevendo nele um testemunho ou ficção do presente.

O fenómeno da “globalização da memória” num tempo que cultiva o discurso da “pós-história” é questionado por Andreas Huyssen, que dissecas algumas das suas aporias mais gritantes, partindo da memória do Holocausto como exemplo paradigmático desta realidade. Huyssen descreve a fenomenologia da actual narrativa da memória, feita de “passados presentes”, refém que se encontra de um “processo de musealização” sem precedentes, como se uma “memória total” fosse possível. Huyssen questiona ainda o que virá depois desta “cultura da memória” que vende passados no presente, mesmo passados que nunca existiram, apontando para o vazio e para a obliteração da própria memória, num contexto em que esta, paradoxalmente, está mais disponível e mediatizada do que nunca. Constatando a redução significativa do presente num mundo cada vez mais preenchido de potenciais passados e pautado pela regra da deslocalização e relocalização, migração e diáspora, Huyssen antecipa uma “memória global” futura, “sempre prismática e heterogénea, mais do que holística ou universal”.

Cabe aqui ainda uma referência aos mais recentes desenvolvimentos dos Estudos Culturais de Memória, que não puderam já ser contemplados na organização desta antologia, mas que podem merecer o interesse dos seus leitores. Nas últimas décadas, a globalização, a intensificação de fluxos migratórios e diaspóricos e a evolução tecnológica e mediática projectaram alterações significativas nas políticas e práticas culturais, impulsionando o trânsito e a polinização de culturas bem como a circulação de instrumentos ou arquivos mnemónicos. Com efeito, assiste-se

nos anos mais recentes ao que se designa de “viragem transcultural” nos estudos de memória, um desenvolvimento que privilegia justamente a disseminação transnacional, transcultural ou mesmo global da memória, interrogando-se sobre o modo e as razões dessas deslocamentos e dos seus itinerários ou trajetórias multilíneas, a sua ressignificação em novos contextos. Efectivamente, as memórias precisam de circular para se manterem vivas, diluindo fronteiras territoriais e sociais e transpondo horizontes temporais<sup>2</sup>. Isto não significa que as memórias locais se extingam face à entrada de outras memórias itinerantes; trata-se antes de analogia ou de comparação e de partilha, de uma inevitável relação dialógica entre diferentes culturas de memória de comunidades entre as quais não existem laços familiares, étnicos ou nacionais, mas capazes, contudo, de traduzir e integrar outras experiências no seu repertório memorialístico. Com efeito, a memória não está já associada a comunidades “orgânicas”, apresentando-se antes disponível à adaptação criativa e à partilha por parte de diferentes categorias identitárias.

Os Estudos de Cultura têm procurado fixar uma terminologia adequada a estes processos de circulação de memórias entre diferentes gerações, diferentes culturas e diferentes horizontes temporais, valorizando a dinâmica cultural e a transmissibilidade ou mesmo portabilidade da memória: já Marianne Hirsch, cujo trabalho integra esta antologia, propõe o termo “pós-memória” para a transmissão intergeracional; Daniel Levy e Natan Sznaider<sup>3</sup> cunham o conceito de “memória cosmopolita” e Alison Landsberg<sup>4</sup> (2004), introduz a noção de “memória protética” (“prosthetic memory”), sublinhando o modo como os arquivos mnemónicos são transportáveis e potencialmente transculturais. Por fim, Michael Rothberg<sup>5</sup> (2009), reportando-se à recepção e identificação das atrocidades do nacional-socialismo em outros espaços culturais, apresenta a noção de “memória multidireccional”, que capta claramente a qualidade espacial da memória.

*Fernanda Mota Alves*

*Luísa Afonso Soares*

*Cristiana Vasconcelos Rodrigues*

---

2. Astrid Erll. *Travelling Memory*, Parallax, 17:4, 4-18, aqui pág.12.

3. LEWY, Daniel / Natan SZNAIDER. 2001. *The Holocaust and Memory in the Global Age*, Philadelphia: Temple University Press.

4. LANDSBERG, Allison. 2004. *Prosthetic Memory: The Transformation of American Remembrance in the Age of Mass Culture*, New York: Columbia University Press.

5. ROTHBERG, Michael. 2009. *Multidirectional Memory: Remembering the Holocaust in an Age of Decolonization*. Stanford: Stanford University Press.